

POR MAIS QUANTO TEMPO O MOVIMENTO ANTI-BASES TERÁ QUE LUTAR POR OKINAWA?

Por Yasmin Rodrigues Dias Da Motta

Nos últimos cinco anos intensificaram-se as manifestações anti-bases norte-americanas em Okinawa, Japão, cujas reivindicações envolvem, entre outras, a preservação ambiental, a devolução de terras produtivas a nativos locais, precauções contra acidentes durante treinamentos e atividades militares e, como demanda central, o fim da violência contra as mulheres de Okinawa por parte de militares norte-americanos (TAKAZATO, 2000). Apesar dessas manifestações terem origem em 1972, ano no qual os Estados Unidos devolveram a posse da região às autoridades japonesas, elas só começaram a ganhar visibilidade, tanto nacional, quanto internacional, após o famoso caso do “The Rape of 1995”¹ (MIKANAGI, Yumiko, 2004, p. 4).

Ficou conhecido como o “Estupro de 1995” o caso de três militares da marinha americana que estavam servindo em Okinawa — Marcus Gill, Rodrico Harp e Kendrick Ledet. No dia 4 de setembro de 1995, eles alugaram um carro, circularam por algumas horas em locais próximos à base na qual trabalhavam e, após algumas tentativas fracassadas, conseguiram sequestrar uma estudante de 12 anos de idade, a quem espancaram e estupraram. Após o ato, os militares a largaram na beira de uma estrada, sangrando e inconsciente, acreditando que não haveria denúncias, tendo em vista que apenas uma minoria ínfima dos casos de violência sexual eram (e são) denunciados (KINDIG, 2019).

Jessie Kindig (2019) expôs a forma pela qual um dos agressores, Marcus Gill, ao depor, justificou a sua ação alegando que ele e seus amigos não tinham condições de pagar o serviço de prostituição (que eram muito utilizados durante as licenças R&R²) e também afirmou que muitos de seus colegas já haviam estuprado locais e nada lhes havia acontecido. Kindig (2019, p. 2) torna ainda mais evidente como a violência sexual contra locais era banalizada ao citar uma fala de Gill, na qual ele, com suas palavras, diz que “It was just for fun”³.

Ademais, perante a notabilidade do caso, foram exigidos os pareceres das autoridades

1 “O Estupro de 1995” (tradução nossa).

2 “Rest and Recuperation”, ou seja, “descanso e recuperação” (tradução nossa). Devido à incidência de abusos e estupro, essa licença ficou amplamente conhecida como “Rape and Restitution”, ou “estupro e restituição” (tradução nossa).

3 “Foi só por diversão” (tradução nossa).

japonesas e americanas sobre o ocorrido. Dentre as pessoas a se pronunciar, o comandante das Forças Ásia-Pacífico dos EUA, Almirante Richard Macke, merece ser citado por ter impactado muito negativamente as opiniões local, pública e internacional ao comentar “What fools!... for the price they paid to rent the car, they could have had a girl”⁴ (TAKAZATO, Suzuyo, 2000, p. 43).

Suzuyo Takazato (2000) defende que esse estupro obteve destaque, ao contrário de diversos outros que não são comentados, por alguns motivos: primeiramente, a estudante, ao se recuperar, tomou a surpreendente e corajosa decisão de denunciar seus agressores; secundamente, o ataque ocorreu durante a IV Conferência Mundial sobre a Mulher (4 de setembro a 15 de setembro de 1995), a qual declarou que violências contra mulheres eram violações dos direitos humanos; e, terceiramente, o estupro ocorreu durante os aniversários de 50 anos da Batalha de Okinawa e de 40 anos após o marcante caso de sequestro, estupro e assassinato de uma menina de 6 anos por tropas americanas.

Ademais, como bem apontado por Takazato (2000), a violência sexual feita por militares ocorre não somente durante conflitos belicosos, mas também em situações de ocupações militares, de dominações coloniais, de controle político militar e, inclusive, durante as operações de *peacekeeping* da ONU. Desta forma, no período entre os anos de 1972 e 1999 foram denunciados 141 casos de estupro perpetrados por militares norte-americanos em Okinawa (MIKANAGI, 2004).

É imprescindível ressaltar que o número de vítimas que denunciavam e tornavam pública a violência que tinham sofrido era, e ainda é, muito pequena. Isso se deve ao fato de que as vítimas de violência sexual eram (e são) bastante estigmatizadas e, no caso das vítimas de Okinawa, os seus agressores recebiam punições muito leves. Tal aspecto se torna evidente principalmente ao serem comparados, no Sistema Legal japonês, os crimes de roubo e de estupro, os primeiros costumavam receber sentenças de cinco a quinze anos, enquanto os crimes de estupro apenas eram condenados a sentenças de seis meses a sete anos (TAKAZATO, 2000).

E, assim como Takazato (2000) reiterou, tanto a violência contra locais, quanto o movimento anti-bases estiveram presentes na região a partir de 1972, mesmo que enfraquecido em alguns momentos. Apesar do movimento não se tratar tão somente de violência sexual, Kindig (2019) afirma que toda vez que o mesmo volta a ganhar força e destaque, constituindo o que ela chamou de “grandes ondas” (*major waves*) do movimento, ele está associado a algum caso de violência sexual que ganha notoriedade. O último caso a ganhar destaque foi o assassinato e tentativa de estupro de Rina Shimabukuro, uma mulher local de 20 anos, por Kenneth Gadson, um ex-marinheiro que trabalhava na Base da Força Aérea de Kadena⁵. Como bem acusado por Jessie Kindig (2019), Gadson era um homem mentalmente doente que fantasiava sequestrar e estuprar mulheres e que abertamente afirmou ter se tornado militar por desejar matar pessoas.

Desde 2016, então, o movimento anti-bases de Okinawa se encontra em uma “*major*

4 “Que idiotas!... Pelo preço que eles alugaram o carro, eles poderiam ter tido uma garota” (tradução nossa).

5 KINDIG, op. cit..

wave”, na qual a população tem se organizado principalmente por meio de comícios, os quais já chegaram a mobilizar mais de 70.000 pessoas em 2018 (TÓQUIO..., 2019), sempre pressionando ambas as autoridades japonesas e americanas, tanto para assegurar a integridade física e sexual da população, quanto para reduzir o contingente de militares americanos na região.

Portanto, em novembro de 2018, quando o governo japonês retomou as obras para a construção de uma nova base militar estadunidense na região, a reação da população de Okinawa foi imediata. Após serem mobilizadas várias manifestações, um referendo foi realizado em fevereiro de 2019, no qual 72% dos japoneses locais (aproximadamente 434.000 pessoas) votaram contra a construção de uma nova base militar norte-americana (TÓQUIO..., 2019). No entanto, como resposta, o Primeiro-Ministro japonês, Abe Shinzō, afirmou que, apesar do significativo resultado desse referendo, o projeto não irá ser interrompido e que a nova base será construída para substituir a Estação Aérea dos Fuzileiros Navais⁶. Abe declarou que continuaria a se esforçar para buscar o apoio local e fazer a população compreender que a permanência americana na região é necessária (MCCURRY, 2019).

A resistência da população se justifica, para além do medo da violência sexual, por conta do fato de um quinto do território de Okinawa ser controlado pelas forças militares estadunidenses (KINDIG, 2019) e por conta acidentes durante treinamentos militares já terem criado muitas vítimas ao longo dos anos (MIKANAGI, 2004). Atualmente, 70% das bases militares americanas no Japão estão instaladas na prefeitura de Okinawa (KINDIG, 2019) e estão localizadas sobre os terrenos mais produtivos da área (TAKAZATO, 2000.).

No entanto, Akemi Johnson (2019) alegou que, a partir do momento em que o histórico de estupro locais começa a ser visto e utilizado pelo movimento anti-bases como ferramenta de protesto, as mulheres vítimas começam a ser apagadas e esquecidas. Em suas palavras:

Quando os militares norte-americanos estupram uma mulher em Okinawa, Okinawa se torna uma menina indefesa — sequestrada, espancada, contida, e violentada pelo criminoso Estados Unidos. Tóquio é um cafetão que permite o abuso, tendo autorizado a entrada do criminoso. Logo, ninguém está falando da verdadeira vítima ou o que aconteceu; eles estão usando o estupro como a arma anti-bases especial que ele é (JOHNSON, Akemi, 2019, apud KINDIG, 2019, p. 4, tradução nossa)⁷.

É evidente que o povo de Okinawa não irá aceitar a instalação de mais uma base militar em seu território e continuará a lutar pela sua segurança e bem estar. Contudo, durante esse processo, é necessário salientar as próprias vítimas de violência sexual sem compreendê-las apenas como ferramentas úteis para formulação de argumentos a favor do movimento. De mais a mais, medidas para conscientizar e educar os militares americanos precisam ser tomadas como tentativa de diminuir a incidência de casos de abusos. Por fim, a pergunta a

6 TÓQUIO..., op. cit..

7 “When a US serviceman rapes a woman in Okinawa, Okinawa becomes the innocent girl — kidnapped, beaten, held down, and violated by a thug United States. Tokyo is a pimp who enabled the abuse, having let the thug in. Soon, no one is talking about the real victim or what happened; they’re using the rape as the special anti-base weapon that it is.”

ser feita é: até quando os interesses dos governos norte-americano e japonês continuarão a se sobrepor sobre os direitos das mulheres e cidadãos de Okinawa?

REFERÊNCIAS

KINDIG, Jessie. “No rape, no base, no tears”. **Jacobin**, 29 nov. 2019. Disponível em: https://www.jacobinmag.com/2019/11/night-american-village-review-okinawa-base?__cf_chl_jschl_tk__=ea57ca8e2a5992dea6ff2848255fec9587f655-1577499526-0-AWFRIN9PKsCUEAKigMjpMkw2ZeKLoUUK4b0iluBYF4C5pPURrRUNCpUxvzetMPaV5jiEQg8i vwfEqXI9jMHjSou1cHK_9wxG-hHPiIQHv1g4fBSyYXCoJNkxxgubsjdYs8AhO9SU-xN7o7g9ptzI_crqfUD2g6km9yc5-raFL0mija9BxOOYTBzc6JetjqnCQGF4ClDR2bP1tO8fzySpUTzf3qIG0StHjX9MjAtt3MKpNpIpGU-slInRtt__WZ192BG71qs8X_zH5rxLte_fvcFn9xObd1d2oE5NW-vZdIx3DInnMJ05CZPgIMCbqHKjOAtkST1Pb7tYOrBGJP9SckpCWVzyT854-YKCxo6I0UNouZaF9h2YLZT-_jV7_-6LbR7oN9W6Gj2Q4KDTb96nuDs. Acesso em: 18 de dezembro de 2019.

MCCURRY, Justin. Okinawa rejects new US military base but Abe vows to push on. **The Guardian**, 25 fev. 2019. Disponível em: <https://www.theguardian.com/world/2019/feb/24/okinawa-referendum-rejects-new-us-military-base-but-abe-likely-to-press-on>. Acesso em: 18 de dezembro de 2019.

MIKANAGI, Yumiko. Okinawa: women, bases and US-Japan relations. **International Relations of the Asia-Pacific**, Oxford, v. 4, n. 1, p. 97-11, 2004. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/26156559?seq=1>. Acesso em: 18 de dezembro de 2019.

TAKAZATO, Suzuyo. Report from Okinawa: long-term U.S. Military presence and violence against women. **Canadian Woman Studies**, Toronto, v. 19, n. 4, p. 42-47, 2000. Disponível em: <https://cws.journals.yorku.ca/index.php/cws/article/view/7929>. Acesso em: 20 de dezembro de 2019.

TÓQUIO vai anular referendo contra bases dos EUA em Okinawa. **Diário de Notícias**, 25 fev. 2019. Disponível em: <https://www.dn.pt/mundo/toquio-vai-anular-referendo-contrabase-dos-eua-em-okinawa-10615781.html>. Acesso em: 20 de dezembro de 2019.